

João Paulo I

“Devo procurar servir a Igreja”

Discurso do Papa João Paulo I antes do 1.º Angelus do seu Pontificado, no dia 27 de Agosto de 1978:

Ontem de manhã fui para a Sistina votar tranquilamente. Nunca poderia imaginar o que estava para acontecer. Apenas começou o perigo para mim, os dois Colegas que estavam ao meu lado sussurraram-me palavras de coragem. Um disse: «Coragem! Se o Senhor dá um peso, concede também a ajuda para levá-lo». E o outro Colega: «Não tenha receio, em todo o mundo há tanta gente que ora pelo Papa novo». Chegando o momento, aceitei. Depois tratou-se do nome, porque é perguntado também que nome se quer tomar, e eu pouco tinha pensado. Fiz então este raciocínio: o Papa João quis consagrar-me com as suas mãos, aqui na Basílica de São Pedro; depois, se bem que indignamente, em Veneza, sucedi-lhe na Cátedra de São Marcos, naquela Veneza que ainda está inteiramente cheia do Papa João. Recordam-no os gondoleiros, as Irmãs, todos. Depois o Papa Paulo não só me fez Cardeal, mas alguns meses antes, numa das pontes então colocadas na Praça de São Marcos, fez que me pusesse todo vermelho diante de 20.000 pessoas, porque levantou a estola e me lançou sobre os ombros! Nunca me tinha posto tão vermelho! Por outro lado em 15 anos de pontificado, este Papa mostrou, não só a mim, mas a todo o mundo, como se ama, como se serve, como se trabalha e como se sofre pela Igreja de Cristo. Por isso, disse: «Chamar-me-ei João Paulo». Eu não tenho nem «a sabedoria de coração» do Papa João, nem a preparação e a cultura do Papa Paulo. Estou, porém, no lugar deles e devo procurar servir a Igreja. Espero que me ajudeis com as vossas orações.

Uma alvorada de esperança paira sobre o mundo

CONTINUAR A OBRA DE PAULO VI NO CAMINHO JÁ TRAÇADO COM TANTOS CONSENSOS PELO GRANDE CORAÇÃO DE JOÃO XXIII

Eis o texto da primeira Radiomensagem do Papa João Paulo I:

Veneráveis Irmãos!

Dilectos Filhos e Filhas de todo o Orbe Católico!

Chamado pela misteriosa e paterna bondade de Deus à gravíssima responsabilidade do Supremo Pontificado, enviamos-vos a Nossa saudação; e imediatamente a tornamos extensiva a todos os homens do mundo, que neste momento nos escutam e nos quais, segundo os ensinamentos do Evangelho, gostamos de ver unicamente amigos e irmãos. Para vós todos, saúde, paz, misericórdia e amor: A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunicação do Espírito Santo estejam com todos vós (2 Cor 13,13).

Temos ainda o ânimo prostrado pela lembrança do tremendo ministério para que fomos escolhido: como Pedro, parece-nos ter posto o pé sobre água insegura, e, batido pelo vento impetuoso, com ele gritamos ao Senhor: Salva-me, Senhor (Mt 14,30). Ouvimos, contudo, dirigida também a nós a palavra, a um tempo encorajante e amavelmente exortadora de Cristo: Homem de pouca fé, porque duvidaste? (ibid. 14,31). Se as forças humanas, por si sós, não podem suportar tão grande peso, a ajuda onnipotente de Deus — que guia a sua Igreja através dos séculos, no meio de tantas contradições e contratempos — não nos faltará também a Nós, humilde e último «servo dos Servos de Deus». Com a nossa mão apertada na de Cristo, apoiando-nos n'Ele, também Nós subimos ao leme desta barca que é a Igreja. Ela tem estabilidade e segurança, mesmo nas tempestades, porque leva consigo a presença confortante e dominadora do Filho de Deus. Segundo as palavras de Santo Agostinho, que retoma uma imagem preferida pela antiga Patrística, a nau da Igreja não deve temer, porque é guiada por Cristo: «Mesmo agitada, a barca não deixa de ser barca, Só ela transporta os discípulos e recebe Cristo. Arrosta perigos no mar, mas sem ela, imediatamente se perece» (SANTO AGOSTINHO, Sermo 75, 3: PL 38, 475). Só nela se encontra a salvação: sem ela perece-se!

Os ensinamentos do Concílio

Com esta fé, prosseguiremos. A ajuda de Deus não nos faltará, segundo a promessa infectível: Eu estarei sempre convosco todos os dias, até ao fim do mundo (Mt 28,20). A vossa correspondência unânime e a solícita colaboração de todos aliviarão o peso do nosso múnus quotidiano. Iniciamos esta tremenda missão, com a consciência do carácter insubstituível da Igreja Católica, cuja imensa força espiritual é garantia de paz e ordem, e, como tal, está presente no mundo, sendo como tal reconhecida. O eco que a sua vida produz no mundo todos os dias é testemunho de que, apesar de tudo, ela está viva no coração dos homens, mesmo daqueles que não partilham a sua verdade e não aceitam a sua mensagem. Como disse o Concílio Vaticano II, «destinada a estender-se a todas as regiões, a Igreja entra na história dos homens, ao mesmo tempo que transcende os tempos e as fronteiras dos povos. Caminhando através de tribulações, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus, que lhe foi prometida pelo Senhor, a fim de que, por causa da fraqueza da carne, não se afaste da perfeita fidelidade, mas permaneça esposa digna do seu Senhor e não cesse de renovar-se sob a luz do Espírito Santo, até que, por meio da Cruz, chegue à luz que não conhece ocaso» (LG, 9). Segundo o plano de Deus, que «convocou todos aqueles que olham com fé para Jesus, autor da salvação e princípio de unidade e de paz», a Igreja foi constituída por Ele, «a fim de ser para todos e para cada um o sacramento visível desta unidade salvífica» (ibid.).

A esta luz, pomonos inteiramente, com todas as energias físicas e espirituais,

ao serviço da missão universal da Igreja, que o mesmo é dizer, ao serviço do mundo, isto é, ao serviço da verdade, da justiça, da paz, da concórdia, da cooperação no interior das nações e entre os povos. Exortamos, antes de tudo, os filhos da Igreja a tomarem consciência sempre mais clara da sua responsabilidade: Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo (Mt 5,13 ss.). Superando as tensões internas, que aqui e além se puderam criar, vencendo as tentações de identificação com os gostos e costumes do mundo, e bem assim as atracções de um fácil aplauso, unidos, no único vínculo do amor que deve informar a vida íntima da Igreja como também as formas externas da sua disciplina, os fiéis devem estar prontos a dar testemunho da própria fé diante do mundo: Sempre prontos a responder, para vossa defesa, a todo aquele que vos pergunte a razão da vossa esperança (I Pd 3,15).

A Igreja, neste esforço comum de responsabilização e de resposta aos problemas lancinantes do momento, é chamada a dar ao mundo aquele «suplemento da alma» que de tantos lados se invoca como coisa única que pode assegurar a salvação. Isto espera hoje o mundo, que conhece bem a sublime perfeição alcançada com as investigações e com a técnica, atingindo um cume, além do qual só há a vertigem do abismo: a tentação de substituir-se a Deus com a decisão autónoma que prescindida das leis morais e leva o homem moderno ao risco de reduzir a terra a um deserto, a pessoa a um autómato, a convivência humana a uma colectivização planificada, introduzindo não raro a morte lá onde Deus quer a vida.

Ao serviço dos irmãos

A Igreja, cheia de admiração e amorosamente inclinada para as conquistas humanas, pretende, por outro lado, salvaguardar o mundo — sedento de vida e de amor — das ameaças que lhe estão sobranceiras; o Evangelho chama todos os seus filhos a porem as próprias forças, e a própria vida, ao serviço dos irmãos, em nome da caridade de Cristo: Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos (Jo 15, 13). Neste momento solene, queremos consagrar tudo o que somos e aquilo que podemos a este fim supremo, até ao último suspiro, consciente da missão que Cristo nos confiou: Confirma os teus irmãos (Lc 22,32).

No cumprimento da nossa árdua tarefa, ajuda-nos a suavíssima recordação dos nossos Predecessores, cuja amável benignidade e intrépida força nos servirá de exemplo no ministério pontifício: de modo particular, recordamos as grandíssimas lições de governo pastoral deixadas pelos Papas mais próximos no tempo, como Pio XI, Pio XII, João XXIII, que, com a sua sabedoria, dedicação, bondade e amor à Igreja e ao mundo, marcaram uma presença indelével no nosso tempo atormentado e magnífico. Mas é sobretudo para o saudoso Pontífice Paulo VI, nosso imediato Predecessor, que vai o sentimento comovido do Nosso afecto e da Nossa veneração. A sua morte rápida, que deixou o mundo atónito como os gestos proféticos de que constelou o seu inesquecível pontificado, pôs na devida luz a estatura extraordinária daquele grande e humilde homem, ao qual a Igreja deve a irradiação, que, apesar das contradições e hostilidades, conseguiu nestes últimos quinze anos, como também a obra desmedida, infatigável e sem paragens, por Ele realizada em aplicar o Concílio e em garantir a paz no mundo — a tranquilidade na ordem.

A disciplina da Igreja

O Nosso programa será o de continuar o seu, no sulco já traçado, com tão universal consenso pelo grande coração de João XXIII:

— queremos prosseguir, sem paragens, a herança do Concílio Vaticano II, cujas normas sábias devem continuar a cumprir-se, velando para que um ímpeto, generoso talvez mas incauto, lhes não deforme o conteúdo e o significado, e também para que forças exageradamente moderadoras e tímidas não atrasem o seu magnífico impulso de renovação e de vida;

— queremos conservar intacta a grande disciplina da Igreja, na vida dos sacerdotes e dos fiéis, tal como a celebrada riqueza da sua história a assegurou através dos séculos, com exemplos de santidade e de heroísmo, quer no exercício das virtudes evangélicas, quer no serviço dos pobres, dos humildes e dos indefesos. A este propósito, promoveremos a revisão dos dois Códigos de Direito Canónico, de tradição oriental e latina, para assegurar, à linha inferior da santa liberdade dos filhos de Deus, a solidez e a estabilidade das estruturas jurídicas;

— queremos recordar a toda a Igreja que o seu primeiro dever continua sendo o da evangelização, cujas linhas mestras o nosso Predecessor Paulo VI sintetizou num memorável documento: animada pela fé, alimentada pela Palavra de Deus e nutrida pelo alimento celeste da Eucaristia, ela deve procurar todos os caminhos e descobrir todos os meios, oportuna e inoportunamente (II Tim 4, 2), para semear o Verbo, proclamar a mensagem, anunciar a salvação, que introduz nas almas a inquietação da procura da verdade e as mantém nesta inquietação com o auxílio do alto. Se todos os filhos da Igreja souberem ser incansáveis missionários do Evangelho, novo florescimento de santidade e de renovação surgirá no mundo, sequioso de amor e de verdade;

— queremos continuar o esforço ecuménico, que vemos como a última indicação dos nossos imediatos Predecessores, velando com fé intacta, com esperança invencível e com amor indeclinável pela realização do grande mandamento de Cristo: Que todos sejam um (Jo 17,21), em que vibra a ansiedade do seu coração na vigília da imolação do Calvário. As mútuas relações entre as Igrejas de diversas denominações realizarem progressos constantes e notáveis, que estão à vista de todos. Mas a divisão não deixou, por outro lado, de ser ocasião de perplexidade, de contradição e de escândalo para os não-cristãos e os não-crentes. Por isso, tencionamos dedicar a nossa acurada atenção a tudo o que possa favorecer a unidade, sem cedências doutrinárias e também sem hesitações;

— queremos prosseguir com paciência e firmeza naquele diálogo sereno e construtivo, que o nunca suficientemente chorado Paulo VI pôs como fundamento e programa da sua acção pastoral, expondo as linhas mestras na sua excelente Encíclica «*Ecclesiam Suam*»: que os homens se reconheçam mutuamente enquanto homens; e quando se trate daqueles que não partilham a nossa fé, que estejamos sempre dispostos a dar-lhes o testemunho da fé que está em nós e da missão que nos confiou Cristo, a fim de que o mundo creia (ibid. 17,21);

— queremos, enfim, favorecer todas as iniciativas louváveis e valiosas, que possam defender e incrementar a paz no mundo conturbado: chamaremos à colaboração todos os homens, bons, justos, honestos e rectos de coração, para que estabeleçam um dique, no interior das nações, contra a violência cega que só destrói e semeia ruínas e luto, e para que, na vida internacional, conduzam à mútua compreen-

são, à conjugação dos esforços, e favoreçam o progresso social, debelam a fome de corpo e a ignorância do espírito, promovam a elevação dos povos menos dotados de bens da fortuna, embora ricos de energias e de vontade.

O auxílio da oração

Irmãos e filhos caríssimos:

Nesta hora, que, para Nós é de hesitação, mas em que também nos sentimos confortado pelas divinas promessas, dirigimos a Nossa saudação a todos os nossos filhos: desejá-los-íamos aqui todos presentes, para os vermos e abraçarmos, infundindo neles a coragem e a confiança, e pedindo para Nós a compreensão e a prece.

A todos saudamos:

— aos Cardeais do Sacro Colégio, com os quais partilhámos horas decisivas. Com eles contamos agora e no futuro, agradecendo-lhes o prudente conselho e a generosa colaboração que desejaram oferecer-nos, como prolongamento daquele consenso que, por vontade de Deus, nos elevou a este cume do Múnus Apostólico;

— saudamos todos os Bispos da Igreja de Deus, cada um dos quais «representa a sua Igreja; e todos, juntamente com o Papa, representam toda a Igreja no vínculo da paz, do amor e de caridade» (LG, 23) e cuja colegialidade queremos firmemente valorizar, desejando ardentemente a cooperação dos mesmos no governo da Igreja universal, quer mediante o órgão sinodal, quer através das estruturas da Cúria Romana, em que participam segundo as normas estabelecidas

— saudamos todos os Nossos dilectos Colaboradores, chamados à perfeita execução da Nossa vontade e à honra de uma actividade que lhes exige santidade de vida, espírito de obediência, esforço apostólico e um ardentíssimo amor à Igreja, que aos outros sirva de exemplo. Amamos a cada um; e, pedindo-lhes continuem a conceder-nos, como aos nossos Predecessores, a sua comprovada fidelidade, estamos certo de poder contar com a sua actividade preciosíssima, que nos servirá de grande ajuda;

— saudamos os Sacerdotes e os Fiéis da diocese de Roma, aos quais nos liga a sucessão de Pedro e o cargo único e singular desta Cátedra Romana «que preside à caridade universal» (cfr. SANTO INÁCIO, Ep. ad Rom., Funk I, 252);

— saudamos, depois, de modo particular, os membros das dioceses de Belluno, onde nascemos, e aqueles que em Veneza, nos foram confiados como filhos afectuosíssimos e caríssimos, nos quais agora pensamos com sincera saudade, ao recordarmos as suas magníficas actividades eclesiais e as comuns energias consagradas à boa causa do Evangelho;

— abraçamos, depois, todos os Sacerdotes, especialmente os Párcos, e quantos se decidam à cura directa das almas, muitas vezes em condições difíceis, ou mesmo de verdadeira pobreza, mas sustentados maravilhosamente pela graça da vocação e pelo heróico seguimento de Cristo, pastor das nossas almas (1 Ped 2,25);

— saudamos os Religiosos e as Religiosas, quer de vida contemplativa, quer activa, que não deixam de irradiar sobre o mundo a luz suavíssima da total adesão aos ideais evangélicos, suplicando-lhes que, sem interrupção, «se esforcem muito por que possa a Igreja, por meio deles, apresentar Cristo, cada vez com maior clareza, aos fiéis como aos infiéis» (LG, 48);

— saudamos toda a Igreja missionária, e enviamos aos homens e mulheres, que, nos postos avançados anunciam o Evangelho, o nosso encorajamento e o nosso

aplauso mais afectuoso: saibam que, entre quantos nos são caros, eles Nos são caríssimos. Jamais os esqueceremos nas Nossas orações e na Nossa solicitude, porque ocupam um lugar privilegiado no Nosso coração;

— para as associações de Acção Católica, como para os movimentos de várias denominações, que oferecem energias novas para a vivificação da sociedade e para a «consecratio mundi», «a qual é fermento na massa» (cfr. Mt 13,33), vai toda a Nossa protecção e apoio, pois estamos convencidos de que a sua actividade, em colaboração com a sagrada Hierarquia, é indispensável para a Igreja de hoje;

— e saudamos os Jovens, esperança de um amanhã mais límpido, mais são, mais construtivo, admoestando-os a que saibam distinguir o bem do mal, e realizá-lo com as renovadas energias que possuem, para a vitalidade da Igreja e para o futuro do mundo;

— saudamos as Famílias, que são «o santuário doméstico da Igreja» (AA, 11), direi até, uma verdadeira e própria «Igreja doméstica» (LG, 11), em que florescem as vocações religiosas, em que se tomam as santas decisões, e onde se prepara o futuro do mundo. Exortamo-las a que se oponham às ideologias perniciosas do «hedonismo», destruidor da vida, e formem ânimos fortes, dotados de generosidade, de equilíbrio, de dedicação ao bem comum;

— mas por um motivo especial, saudamos todos Aqueles que sofrem no momento presente: os doentes, os prisioneiros, os exilados, os perseguidos; todos os que não encontram trabalho ou com dificuldade conseguem satisfazer as exigências da vida; todos os que sofrem pelo constrangimento a que está sujeita a sua fé católica, que não podem livremente professar senão à custa dos primordiais direitos que competem aos homens livres e a cidadãos esforçados e leais. De modo particularíssimo, pensamos na martirizada terra do Líbano, na situação da Pátria de Jesus, na região denominada «Sahel», na Índia tão provada, e em todos aqueles filhos e irmãos que padecem dolorosas privações, quer por causa das condições sociais e políticas, quer pelas consequências de desastres naturais.

Homens irmãos de todo o mundo!

Todos estamos comprometidos na tarefa de elevar o mundo a uma justiça cada vez maior, a uma paz mais estável, a uma cooperação mais sincera. Por isso, a todos convidamos e rogamos que — desde as classes mais humildes, que formam o tecido conjuntivo das nações, até aos chefes responsáveis de cada um dos povos — de modo eficaz e «responsável» se empenhem, na introdução de uma ordem nova, mais justa e mais sincera.

Uma alvorada de esperança paira sobre o mundo, mesmo se, de vez em quando, trevas densíssimas — que se distinguem pelos sinistros fulgores do ódio, do sangue e da guerra — parecem obscurecê-la. O humilde Vigário de Cristo, que, de ânimo tímido mas cheio de confiança, inicia a sua missão, está inteiramente pronto a servir a Igreja e a sociedade civil, sem qualquer discriminação de raças ou de ideologias, com o objectivo de que para o mundo nasça um dia mais claro e mais suave. Só Cristo pode fazer que brilhe a luz sem ocaso, porque é o «sol da justiça» (cfr. Mal 4,2). Reclama, porém, o esforço de todos, e o Nosso por certo não faltará.

Pedimos a todos os Nossos filhos que Nos ajudem com as suas orações, pois que nelas somente confiamos. De bom grado Nós entregamos ao auxílio do Senhor que, tendo-Nos chamado à missão de O representar na terra, não Nos faltará com a sua graça onnipotente. A Bem-aventurada Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos, será como a estrela fulgente do Nosso Pontificado. São Pedro, alicerce da Igreja

(SANTO AMBRÓSIO, Exp. Ev. sec. Lucam, IV, 70: CSEL 32, 4, p. 175), Nos sustenha com a sua intercessão e com o seu exemplo de fé invicta e de generosidade humana; seja São Paulo para Nós o guia, a quem sigamos num impulso apostólico, capaz de abrange todos os povos; os Nossos Santos Patronos nos assistam.

Finalmente, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, concedemos ao mundo a Nossa primeira e afectuosíssima Bênção Apostólica.

As derradeiras mensagens de João Paulo I

Das derradeiras mensagens do Papa João Paulo I — Carta ao Cardeal Ratzinger, Telegrama ao Cardeal Giuseppe Siri, Carta ao Administrador Apostólico de Enfurt-Meningen Dom Hugo Aufderbeck e Discurso aos Bispos das Filipinas — escolhemos o Discurso aos Bispos das Filipinas em visita «ad sacra limina», na manhã do dia 28 de Setembro:

Caros Irmãos em Cristo

Ao receber-vos com profundo afecto, desejamos recordar-vos uma passagem do Breviário, que Nos impressionou profundamente. Diz respeito a Cristo e foi citada por Paulo VI durante a sua visita às Filipinas: «Devo ser testemunha do seu nome: Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo... ele é o rei do novo mundo, é o segredo da história; é a chave do nosso destino» (XIII Domingo «per annum»: homilia de 29 de Novembro de 1970).

Pelo Nosso lado, esperamos dar-vos todo o Nosso apoio e o Nosso incentivo na grande missão do episcopado: anunciar Jesus Cristo e evangelizar o seu povo.

Entre os direitos dos fiéis, um dos principais é o de receberem a palavra de Deus na sua integridade e na sua pureza, com todas as suas exigências e o seu poder. Um desafio que nos é lançado pelos nossos tempos é a evangelização plena de todos os baptizados. Nisto, têm os Bispos grande responsabilidade. A nossa mensagem deve ser claro anúncio da salvação em Jesus Cristo. Devemos repetir com Pedro, diante do mundo: Tu tens palavras de vida eterna (Jo 6, 69).

Para nós, evangelizar significa difundir o nome de Jesus, tornar conhecida a sua identidade, os seus ensinamentos, o seu Reino e as suas promessas. A sua mais alta promessa é a vida eterna. E verdadeiramente, as palavras de Jesus conduzem-nos à vida eterna.

Numa recente audiência geral falámos da fé na vida eterna. Estamos convencidos da necessidade de insistir neste ponto, para completar a Nossa mensagem, para a tornar conforme ao ensinamento de Jesus.

A Imitação do Senhor, que passou fazendo bem (Act 10, 38), a Igreja tem a missão irrevocável de aliviar da necessidade e da miséria física. Mas não seria completa a sua caridade pastoral se não se dirigisse também às «mais altas necessidades». Nas Filipinas, Paulo VI fez isto precisamente. No momento em que decidiu falar da pobreza, da justiça e da paz, dos direitos do homem e da libertação económica e social, exactamente quando a Igreja actuava nele contra a miséria, ele não